

O Brasil do Lula e o outro Brasil

A propaganda que o governo tem feito do Brasil lá fora é tão forte que o mundo está se convencendo de que o país mudou, mas essa mudança não passa de ficção e retórica, coisas dos discursos fantasiosos de Lula. Quem escuta a fala e o sorriso largo e constante do presidente pensa que as coisas por aqui estão a mil maravilhas, mas a realidade é outra e bem distante das pregações de sua Excelência, a quem Obama se referiu como "Esse é o cara". Às vezes cara de pau.

Vestiram o Brasil de primeiro mundo e, com essa boa aparência, aparência somente, conquistaram o Pan, a Copa, as Olimpíadas e simpatia do chefe americano, mas o traje elegantíssimo com que nos vestiram é somente uma cortina a encobrir nossos apereios, problemas e contradições.

Este governo tem virtudes, como o anterior teve, mas Lula faz apenas um bom governo e não uma revolução administrativa como falsamente apregoa. Um governo com pontos positivos, mas também com inúmeros defeitos: corrupção, equívocos em vários setores e precariedade dos serviços públicos, principalmente em áreas importantes como saúde, educação e segurança.

Nos últimos meses, o tema do presidente em seus discursos autopromocionais é a crise mundial, ao afirmar com soberba que o Brasil não foi atingido pela catástrofe econômica por méritos de seu governo. Existem aí duas inverdades: primeiro, se a crise no país foi apenas "uma marolinha", como diz Lula, isso não resulta de uma virtude da área somente desta gestão, mas de todas as anteriores, a começar por Itamar Franco, pai da estabilidade econômica; segundo, os impactos da crise em nosso território foram bem maiores do que pensa e sabe o presidente, até porque, como recordista de viagens internacionais, maior viajante da história republicana, Luiz Inácio parece distante da realidade nacional.

Ao contrário do que muitos e o próprio governo pensam, as medidas adotadas pela área econômica de Lula não liquidaram os efeitos da crise, mas, tão somente, removeram os malefícios de um lugar e puseram-nos em outro, distantes dos olhos da mídia nacional e internacional. Ao exonerar o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e o imposto de renda, o Governo Federal garantiu a boa saúde das grandes empresas do Centro-Sul (São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul); mas, pelo outro lado, quebrou as pequenas Prefeituras do Nordeste, que vivem exclusivamente do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), fonte alimentada, principalmente, pelos impostos retirados pelo governo. Uma das consequências mais imediatas da redução dos impostos foi a queda do FPM.

Mas, como os olhos da mídia e os ouvidos do governo não alcançam os pequenos municípios, a exemplo dos localizados neste Vale, a crise avança silenciosa e provocando grandes estragos pelos rincões deste país: Prefeituras demitindo e atrasando salário do funcionalismo e pagamento dos fornecedores; serviços básicos municipais comprometidos; o comércio e a pequena indústria prejudicados pela queda da circulação de dinheiro. Tudo isso acontecendo e o governo mantendo a pose de gestão eficiente e heróica, quando a coisa é outra: empurrou para debaixo do tapete, ou melhor, sobre as cotas dos pequenos Municípios o peso da crise para manter seu status político. Em São Paulo, qualquer demissão da indústria ganharia espaço na mídia e desgastaria o governo, mas no interior nordestino as dores e clamores não têm força de repercussão por se localizarem distantes da grande imprensa e, assim, o Planalto finge que nada está acontecendo.

Sobre a saúde pública nacional não é preciso dizer muito porque todos sabem que a coisa está cada vez pior: hospitais incapacitados pela falta de médicos e estrutura; gente morrendo pelos corredores e filas hospitalares; o sacrifício para se conseguir um exame; a dificuldade para se marcar uma cirurgia; e a corrupção corroendo o erário da saúde: gestores do setor desviando verbas e médicos cobrando por cirurgias eletivas dentro dos hospitais públicos.

A educação também vive dias terríveis: o analfabetismo vem caindo, mas bem abaixo do necessário. A desqualificação do ensino público está formando uma legião de estudantes que não sabem ler nem escrever corretamente e que nunca chegarão ao ensino superior. Vejam que o governo mostrou-se incompetente até para realizar o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Tanto descuidou e roubaram a prova: o governo foi desmoralizado, mas o prejuízo maior ficou para quatro milhões de estudantes.

Em tempo de violência, o Brasil é campeão: assassinatos, roubos, seqüestros, furtos e assaltos incorporaram-se ao cotidiano dos brasileiros. Compete aos governos estaduais a gestão da segurança pública, mas a criminalidade que cada vez mais toma conta deste país também é culpa do Planalto, que não cuida das nossas fronteiras, por onde chegam armas, drogas e outros contrabandos que vão alimentar o crime aqui dentro.

A centena de bilhões de reais que o poder público vai gastar com a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 não trará grande resultado para o Brasil: os empregos que vão gerar e a estrutura desportiva que será erguida contemplarão uma única cidade. No resto do país, o esporte continuará correndo de pés descalços na pista precária dos jogos escolares. Todo esse dinheiro daria para fazer uma expressiva revolução na Saúde ou na Educação, mas o problema é que investir no que é verdadeiramente importante não gera mídia. Uniram-se pela Copa e pelas Olimpíadas, e para elas não falta dinheiro; e seria bom que se unissem também pela melhoria da nossa Educação, único caminho para o pódio do desenvolvimento.

Espaço do Leitor

Carta de um inocente

Eu, Almir Batista Rosa da Silva, natural do sítio Macaco, município de Princesa Isabel, filho de José Batista da Silva e Carlinda Rosa da Silva, moro no sítio Macaco. Nos finais de semana ajudava a um irmão que tinha um salão de cabeleireiro.

No dia 15 de fevereiro de 2006, antes das 6 horas da manhã, chegou um carro de polícia procurando por Almir ou o irmão dele. Meu irmão já tinha saído de casa para deixar uma mulher que trabalhava no hospital.

Então, eu perguntei o que estava acontecendo e eles me mostraram um papel. Disseram que tinha sido a juíza que tinha mandado, e perguntaram se eu conhecia o Índio, eu falei que não. Eles falaram que eu o conhecia e que eu era acostumado a jogar baralho mais ele. Eles falaram pra mim que o Índio estava preso e me tiraram para fora de dentro de casa.

No carro tinha um homem algemado na mala da viatura e eles me falaram que era o Índio. E eu falei que não o conhecia e me levaram para a Companhia de Polícia dizendo que lá tinha outro homem preso que se chamava Severino. Perguntaram se eu o conhecia e eu falei que não conhecia. Me levaram para o sítio Macaco falando que eu tinha arma. Meus pais estavam chorando muito e me perguntaram para onde eu estava indo. Eu falei que não sabia, que eu não tinha feito nada de errado.

Eles falaram que eu ia para o Piancó. Me perguntaram por uma entrada de terra que eu não conheço. Quando chegou na primeira cidade eles pararam e me perguntaram se eu conhecia essa cidade e me falaram que eu estava sendo acusado de um crime que tinha acontecido no dia 16 de janeiro de 2006 no município de Itaporanga, no sítio Capim Grosso.

Eu falei que não tinha cometido nem um crime, que nunca tinha vindo nesse lugar, que não conhecia essas pessoas que foram presas comigo. Eu pedi pra ele investigar mais minha vida que eu não tinha cometido esse crime. Eu fui ouvido pela juíza e pedi a ela que investigasse minha vida porque eu não cometi esse crime. Peço, pelo amor de Deus, justiça.

Estou com dois anos e sete meses que estou preso. Minha família é pobre, não tem condições de pagar o advogado. Eu só tenho uma irmã que vem aqui de três em três meses me visitar. Dos quatro homens que foram acusados desse crime dois foram soltos e um foi condenado. Meu julgamento três vezes por falta de advogado não aconteceu. Meu julgamento foi marcado pro dia 17 de setembro. Eu fui condenado a 39 anos de prisão por um crime que eu não cometi. Peço à população de Itaporanga justiça. Se alguém souber quem cometeu esse crime me ajude pelo amor de Deus porque eu estou preso inocente. Tenho muita fé na justiça de Deus e ela nem tarda nem falha, chega na hora certa.

A pessoa que eu mais gosto na minha vida é a minha mãe, e está com dois anos que eu vi ela porque ela está doente e não pode vir me visitar. Peço justiça, peço que alguém me ajude e venha aqui conversar comigo.

Almir Batista Rosa da Silva (detento condenado no caso do latrocínio do sítio Capim Grosso, que culminou com o assassinato do agropecuarista João e seu filho, Paulo Vicente no ano de 2006)

Crônicas do Cotidiano

Sousa Neto

XVI

As recordações e reflexões de Tiquinha foram quebradas pelo barulho de vozes uníssonas vindas do terreiro da casa de João de Zé Fulor, onde um dos seus mais destemidos capangas aprontava-se para ir à cidade saber o que acontecerá ao padre. Ausentar-se da missa sem avisar antes não era um bom sinal: alguma coisa havia ocorrido.

Com ordem posta e cavalo selado, o homem jogou-se com ímpeto sobre o animal às vistas de um quarto da povoação, que ainda permanecia por ali conjecturando razões para a ausência do vigário.

Mas, antes da partida, voltou os ouvidos para a última recomendação do chefe: "Se não for motivo grave, tome por lá uma cachaca e volte à casa daquele meu velho credor, pra não perder de tudo a viagem: se ele não tiver dinheiro, tire-lhe qualquer objeto de valor e não tendo nada de valia, me traga um pedaço da orelha do safado. Mas sendo coisa grave com o padre, não demore: esqueça a pinga e a dívida e volte em cima do rastro pra me trazer a notícia", disse-lhe em cochicho seu João de Zé Fulor, homem amigo da Igreja e o mais rico da povoação.

Acossado por esporas afiadas e um chicote impiedoso, o cavalo partiu ligeiro. Sob a capa da sela, um rifle bem municado escondia-se, e na cintura do homem, uma doze polegadas não se envergonhava em aparecer. Estava pronto para qualquer empreitada.

Partiu por um atalho que poucos conheciam, uma vereda que lhe renderia uma hora a menos. Seguindo por esse caminho, não viu quando um grupo de tropeiros aproximava-se de Serrinha pela estrada principal, trazendo mantimentos e uma notícia temerária: a conversa era que o cangaceiro Zezitão e seu bando, com mais de 30 homens, estavam rondando por aquelas plagas, e talvez não memorassem a chegar ao povoado.

Os tropeiros, com seus animais carregados de mercadorias, não demoraram muito na povoação temendo ser alcançados pelos bandoleiros: descarregaram as encomendas do lugar e tudo o que sabiam sobre a presença dos cangaceiros nas redondezas, deixando grande alvoroço no povoado. "Eita minino, esses cangaceiro deve ter pegado o pade quando ele vinha pra cá, por isso que ele não vêi: valei-me Nossa Senhora", gritou Maria Firmina, umas das mais fervorosas beatas de Serrinha. "É pur isso é que no último tempo eu vem teno uns sonho rim", aludiu seu Paulo de João Vêi, o rezador mais respeitado do lugar.

Diante do clamor que se abateu sobre Serrinha com iminente invasão cangaceira, seu João de Zé Fulor, o homem mais importante da localidade, reuniu todo o povo no terreiro do seu casarão para organizar a defesa do lugar. A primeira medida foi contar os homens e as armas disponíveis para o combate.

Feitas as somas, concluiu-se que haviam 65 homens adultos, 28 rapazotes, 16 velhos, 3 aleijados, 2 cegos e 4 fracos do juízo. Os deficientes, cegos, doidos e anciãos mais idosos ficariam escondidos na casa mais afastada do centro da povoação, mas um dos aleijados recusou-se a fugir da luta: "É certo que eu não posso correr, mas tenho braços firme: armem-me com o melhor rifle, me botem sentado numa trincheira qualquer e garanto que por lá não passa um vivo", gritou Titico Permeta, que, apesar de aleijado, tem fama de atrevido; carregava duas pernas secas, mas não perde desafio na queda de braço.

Ao ouvir a manifestação do aleijado, o velho Cipriano, com mais de 80 de idade, também se encorajou a lutar: "Não sou mais home no corpo a corpo, mas com duas lazarinhas boas e tendo alguém ligeiro para municar, ficarei na torre da igreja e onda o chumbo alcançar, digo que num ficará um cangaceiro pra contar historia". Até Tico de Zé Branco, cego de um olho e ruim do outro, queria armar-se para a peleja, argumentando que não era homem de se esconder de briga: "Não vejo bem, mas ainda arrisco um tiro". Insistiu muito, mas foi convencido a desvanecer do combate. E vendo tanta gente disposta, o doido Lazário também criou coragem e fez sua proposta: "por três cigarros de fumo, eu arrombo todos eles como fiz na porta da igreja a pedido de dona Tiquinha", disse orgulhoso. O povo ficou espantado com a revelação do doido, mas não havia tempo nem ânimo para se preocupar com outra coisa, a não ser a defesa de Serrinha.

Com todos atentos à discussão, seu Neco Titela, fazendo jus à fama de homem medroso, aproveitou para sair de fininho, mas foi alcançado pelos olhos sempre atentos de dona Mariana, a mais fofqueira da povoação. "Pra onde o senhor vai seu Neco Titela?", perguntou irritado João de Zé Fulor. "Coronel, me perdoe, é porque ontem à noite eu comi uma quiada azeda e não me fez bem: vou ali e já vorto". "Seu Titela, toda quiada é azeda, mas não precisa vortar: se misture ao que o senhor vai butar pra fora e fique pur lá mesmo".

Contados e organizados os homens que iriam enfrentar o bando de Zezitão, o segundo passo foi juntar as armas: haviam no povoado 34 espingardas lazarinhas, 8 rifles, 3 pistolas e 23 bacamartes. As armas não dariam para todos, mas quem ficasse sem armamento seria aproveitado para recarregar as espingardas. A pólvora e o chumbo também não eram fartos: por isso a orientação era não desperdiçar tiro.

Preparados os homens, restava uma outra tarefa: esconder as mulheres e crianças. As casadas, seus filhos pequenos e viúvas ficariam em um lugar; e em outro, as moças virgens e meninas mais crescidas.

Os detalhes dessa tarefa no próximo capítulo...

Rádio Diamante FM: aniversário com festa

A rádio comunitária Diamante FM completa sete anos de entretenimento e serviços prestados ao município diamantense.

O aniversário será comemorado com festa dançante na casa de show O Dezão, com apresentação da banda de forró Pressão Musical neste sábado, dia 31 de outubro, às 23h.

A emissora, que é dirigida pelo radialista Célio Sousa, tem uma programação voltada à musicalidade

e à divulgação do comércio local. "Agradecemos ao comércio e à população de Diamante pela audiência e pela confiança depositada em nosso trabalho diariamente, diz o diretor.

Além de Célio, também fazem parte da Diamante FM os radialistas Emanuel Furtado, Gilcleane e Cosmo Júnior, que retornou recentemente à casa.

"Queremos convidar toda a galera forrozeira do Vale para prestigiar a nossa festa", diz Célio

Missa do 3º aniversário

Rômulo Sérgio Moreira
*20/10/1968 + 02/11/2006



Pais, irmãos, tios, primos e filho convidam parentes e amigos para participarem da missa do 3º aniversário pela alma de Rômulo Sérgio Moreira, neste dia 2 de novembro, às 19h, na Igreja matriz Nossa Senhora da Conceição, em Itaporanga. "Ninguém morre enquanto permanece vivo no coração de alguém".

"Painho, foi muito pouco a nossa convivência, mas nunca vou entender a nossa separação". Seu filho Mateus.

Empresa Jornalística FOLHA DO VALE LTDA

Av. Dep. Soares Madruga, s/n, Centro, Itaporanga-PB
Tel/fax: (0**83) 3451-2774 - CNPJ: 04.535.908/0001-50.
E-mail: folhadovali@yahoo.com.br
Editores: Antônio Bandeira e Sousa Neto



Bastidores

Isaias Teixeira isaias_teixeira10@hotmail.com

MPF, presos e imprensa

Os meios de comunicação do estado foram pegos de surpresa, há duas semanas, por uma inoportuna decisão do Ministério Público Federal da Paraíba (MPF-PB), que recomendou as secretarias de Segurança e de Cidadania e Administração Carcerária a não permitirem a exibição da imagem de presos na mídia. A decisão é impertinente porque, logo a princípio, cerceia a liberdade de imprensa e o direito que tem a população de enxergar pelos olhos da mídia quem anda na contramão da lei. Mas a decisão se torna ainda mais intrigante por ser tomada de forma unilateral, ou seja, apenas o MPF da Paraíba teve a ousadia de inventar algo que se fundamenta, ainda que involuntário, no que se pode chamar de protecionismo de criminosos. E por que somente a Paraíba? O cerceamento da imprensa paraibana pelo MPF seria cômico se não fosse trágico, principalmente agora onde o estado vive mergulhado em uma onda de criminalidade incontrolável praticada por bandidos impiedosos, que se aproveitam da impunidade e de aberrações como essas do MPF para perturbarem quem de direito merecia cobertura dos fiscalizadores da lei: o povo que cumpre rigorosamente os ditames constitucionais.

Arrocho à bandidagem

O que mais se espera de órgãos como o MPF são ações voltadas para o arrocho à bandidagem. O estado precisa de um MPF que defenda a vida. E proteger a vida também significa munir a sociedade de ferramentas importantes para a sua defesa, tal qual o direito de conhecer quem nela assassina os direitos sacramentados no artigo 5º da Constituição Federal. Não queremos instituições que se prestem a privilegiar, ainda mais, à marginalidade. A decisão do MPF não coaduna com os pensamentos da maioria de seus membros e população paraibana, que sonham com uma sociedade identificada com a cultura da paz. Lamentavelmente, o MPF da Paraíba arrumou um bom motivo para amargar o descrédito popular. Até as boas instituições que temos são capazes de tropeçar nas próprias pernas. Também são feitas de homens. O MPF agiu assim, mas espera-se que o órgão reveja seu momento hipnótico.

Somente com autorização

Conforme a decisão do MPF-PB, a imagem do preso só pode ser mostrada nos meios de comunicação com a autorização do advogado ou defensor público dele, juiz ou membro do Ministério Público (promotor ou procurador). Deveria ter havido, ao menos, exceções na decisão do órgão para o preso que é pego em flagrante e o réu confesso. A Associação de Imprensa da Paraíba não pode ficar calada diante de uma decisão unilateral de um órgão de atuação nacional, mas quer restringir posicionamentos em apenas um estado. Daqui a pouco vão decidir que a população é quem tem que ficar trancafiada na cadeia para os bandidos viverem soltos nas ruas.

O intolerante atraso salarial

A Lei de Responsabilidade Fiscal e a intensa fiscalização pelos Tribunais de Contas e por outros órgãos voltados ao controle dos gastos do dinheiro público fizeram com que alguns prefeitos da região pensassem duas vezes em atrasar o salário do funcionalismo municipal nos últimos anos. Mas a incompetência administrativa de outros tempos, que pensávamos não mais voltar, está reaparecendo sob o pretexto de crise financeira e de outros fatores que encaminham para justificar o injustificável. Em Igaray, o prefeito Celino Brasileiro atrasou o pagamento do funcionalismo local e teve que tomar empréstimo para saciar a folha. Em Serra Grande, o prefeito João Bosco já maltrata os servidores há sete meses. Atraso também em Piancó pela prefeita Flávia; e Boa Ventura: Dudu Pinto se empenhou para fazer o maior São João da região este ano, mas não teve o mesmo vigor para planejar os cofres da prefeitura com fins de pagar a quem faz o município crescer com o suor do rosto e a preço de um minguaudo salário mínimo. Estes três administradores estão no segundo ano de mandato consecutivo e, portanto, não podem responsabilizar a "quebradeira" na prefeitura à gestão anterior, porque na gestão anterior eram eles que estavam no poder.

Conversa que não convence

Outra conversa vazia de prefeitos que o atraso salarial está condicionado à queda do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) não tem fundamento. Falta mesmo é zelo com a coisa pública. O fato é que os prefeitos acomodam os seus apadrinhados políticos em numerosos cargos de comissão, pagando-lhes altos valores salariais incompatíveis com a receita municipal. Acontece uma espécie de distribuição do bolo a quem contribuiu para a eleição ou reeleição do prefeito. Outro fator que deixa a fazenda municipal perdida é a falta de planejamento. Não há governo que ande sem existir o prévio planejamento, dado à complexidade do cargo de prefeito, que deveria haver mais exigência para a sua ocupação.

Não cabe em qualquer um

O rótulo de bom administrador não cabe em qualquer pessoa. Até para governar uma casa é necessário ao chefe de família traçar planejamento para investir bem, eleger prioridades para os gastos, fazer caixa para eventuais necessidades de última hora, e, principalmente, produzir. Do contrário, a família não renderá o esperado. O mesmo se aplica para governar um município, embora em grau de maior complexidade. O planejamento é a principal ferramenta que um administrador deve ter antes mesmo de assumir o governo. Sem o planejamento não se chega a lugar nenhum. Mas acontece que o gestor pensa que governar é só aplicar o dinheiro que vem de Brasília. Esse pensamento é algo cultural, que está enraizado na cabeça de alguns gestores. Esse é o tipo do governante acomodado, que não move uma palha sequer para fazer o seu município produzir em alguma atividade que atenda a realidade empreendedora do lugar. Os recursos de Brasília são necessários, mas os municípios não podem ficar a depender apenas das iniciativas da União. A Associação dos Municípios do Vale do Piancó (Amvap) poderia fazer muito pelos municípios regionais, mas é uma entidade paralizante.

Opinião do Intern@ut@

"... Percebo que nosso Vale não tem nenhum programa sobre a preservação do meio ambiente, sinceramente observo esse fato, deve ser porque nossos políticos não vão estar vivos daqui a 50, 60 anos". [Shirley Gianotti Leite, de Piancó - shirleyrilex@hotmail.com].

CGU e o relatório de Itaporanga

A Controladoria-Geral da União esteve, semana passada, fazendo uma auditoria nos recursos federais repassados ao município de Serra Grande, o 11º da região fiscalizado pelo órgão da União, que foi selecionado no 30º sorteio público no dia 5 de outubro. Em relação a Itaporanga, que foi fiscalizada no mês passado, informações preliminares indicam que não vem coisa bonita no relatório que será produzido com base na fiscalização feita em documentos referentes à aplicação do dinheiro federal nos dois últimos anos (último governo de Antônio Porcino e primeiro da gestão Djaci Brasileiro).

Dia de Finados

As famílias itaporanguenses intensificam a limpeza nos túmulos de seus entes queridos visando o feriado de 2 de Novembro, Dia de Finados. O cemitério Mãe de Misericórdia, único campo santo da cidade, é muito visitado no dia dedicado aos mortos. Outro local que também receberá grande número de pessoas é a Serra do Recanto, onde estão sepultados os restos mortais do monsenhor José Sinfrônio de Assis Filho, que fica em um jazigo construído abaixo da estátua do Cristo Rei.

Jogos Internos do Diocesano

E por fazer referência a Padre Zé, a maior obra dele em Itaporanga, o tradicional Colégio Diocesano Dom João da Mata, está vivenciando mais uma edição dos seus Jogos Internos. A abertura aconteceu na última sexta-feira, 23 de outubro, e vem mobilizando um grande número de estudantes do educandário que compete em diversas modalidades esportivas.

Refletindo

"O túmulo fecha um céu para abrir outro". (Sully-Prudhomme)